

REVISTA DE DIREITO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA



ISSN 2595-5667

REVISTA DE DIREITO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

ANO Nº 06 – VOLUME Nº 01 – EDIÇÃO Nº 02 - Jul/Dez 2021

ISSN 2595-5667

Editor-Chefe:

Prof. Dr. Emerson Affonso da Costa Moura, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil

**Rio de
Janeiro, 2021.**

REVISTA DE DIREITO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

LAW JOURNAL OF PUBLIC ADMINISTRATION

Conselho Editorial Internacional:

- Sr. Alexander Espinosa Rausseo, Universidad Central de Venezuela, Venezuela
Sr. Erik Francesc Obiol, Universidad Nacional de Trujillo, Trujillo, Peru, Peru
Sr. Horacio Capel, Universidad de Barcelona, Barcelona, Espanha.
Sra. Isa Filipa António, Universidade do Minho, Braga, Portugal, Portugal
Sra. Maria de Los Angeles Fernandez Scagliusi, Universidad de Sevilla, Sevilha, Espanha.
Sr. Luis Guillermo Palacios Sanabria, Universidad Austral de Chile (UACH), Valdivia, Chile.
Sra. Mónica Vanderleia Alves de Sousa Jardim, Universidade de Coimbra, UC, Portugal.
Sr. Mustafa Avci, University of Anadolu, Turquia

Conselho Editorial Nacional:

- Sr. Adilson Abreu Dallari, Pontificia Universidade Católica, PUC/SP, Brasil.
Sr. Alexandre Santos de Aragão, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, RJ, Brasil.
Sr. Alexandre Veronese, Universidade de Brasília, UNB, Brasil.
Sr. André Saddy, Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil.
Sr. Carlos Ari Sundfeld, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, Brasil.
Sra. Cristiana Fortini, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil.
Sra. Cynara Monteiro Mariano, Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil.
Sr. Daniel Wunder Hachem, Universidade Federal do Paraná, UFPR, Brasil.
Sr. Eduardo Manuel Val, Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil.
Sr. Fabio de Oliveira, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
Sr. Flávio Garcia Cabral, Escola de Direito do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul., Brasil
Sr. Henrique Ribeiro Cardoso, Universidade Federal de Sergipe, UFS, Brasil.
Sr. Jacintho Silveira Dias de Arruda Câmara, Pontificia Universidade Católica, São Paulo, Brasil.
Sra. Jéssica Teles de Almeida, Universidade Estadual do Piauí, UESPI, Piri-piri, PI, Brasil., Brasil
Sr. José Carlos Buzanello, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
Sr. José Vicente Santos de Mendonça, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Brasil.
Georges Louis Hage Humbert, Unijorge, Brasil
Sra. Maria Sylvia Zanella di Pietro, Universidade de São Paulo, USP, Brasil.
Sra Marina Rúbia Mendonça Lôbo, Pontificia Universidade Católica de Goiás, Goiás, Brasil.
Monica Sousa, Universidade Federal do Maranhão
Sr. Mauricio Jorge Pereira da Mota, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Brasil.
Sra. Monica Teresa Costa Sousa, Universidade Federal do Maranhão, UFMA, Maranhão, Brasil.
Sra. Patricia Ferreira Baptista, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Brasil.
Sr. Paulo Ricardo Schier, Complexo de Ensino Superior do Brasil LTDA, UNIBRASIL, Brasil.
Sr. Vladimir França, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Brasil.
Sr. Thiago Marrara, Universidade de São Paulo, USP, Brasil.
Sr. Wilson Levy Braga da Silva Neto, Universidade Nove de Julho, UNINOVE, Brasil.

UTOPIAS PODEM AJUDAR A CONSTRUIR O FUTURO

UTOPIAS CAN HELP BUILD THE FUTURE

INAUGURAL SPEECH OF THE XIV INTERNATIONAL GEOCRITICAL COLLOQUIUM

Horacio Capel¹

RESUMO: No discurso de inauguração do XIV Colóquio Internacional de Geocritica o autor utiliza a figura da utopia, inclusive, nas comunidades burguesas das áreas nobres de um lugar seguro e salvo, bem como, a sua evolução no pensamento contemporâneo para apresentar crítica a desigualdade e injustiças decorrente do capitalismo.

PALAVRAS-CHAVES: Utopia; Capitalismo; cidade; desigualdade.

ABSTRACT: In the opening speech of the XIV International Colloquium on Geocritics, the author uses the figure of utopia, even in the bourgeois communities of noble areas in a safe and secure place, as well as its evolution in contemporary thought to present criticism of inequality and injustices arising from capitalism

KEYWORDS: Utopia; Capitalism; City; inequality.

Data da Submissão: 15/01/2021

Data da Aprovação: 19/02/2021

“Época abençoada e séculos felizes aqueles a quem os antigos atribuem o nome de dourado, e não porque neles o ouro, que nesta época de ferro é tão estimado, é alcançado naquele ventoso sem fadiga, mas porque então aqueles que em ela viveu ignorando essas duas palavras suas e minhas. Com essas palavras, Dom Quijote iniciou o discurso que deu às cabras depois de

¹ Emeritus Professor at the University of Barcelona, where he has been Professor of Human Geography. He has been a visiting professor or researcher at various European and American universities and is Doctor Honoris Causa from the National University of San Juan, Argentina (1999), from the National University of Cuyo, Mendoza, Argentina (2002) and from the University of Buenos Aires (2010). He has supervised more than seventy Doctoral Theses and a large number of bachelor's theses and research reports from the Advanced Studies Diploma (DEA). His publications began in 1964, and have since numbered several hundred, in scientific journals from a dozen countries. His works can be read, originally published or translated, in Spanish, Portuguese, English, Catalan, Italian, French and German.

comer um caldeirão de caçarola de cabra, bolotas de avelã e queijo, tudo regado com uma boa quantidade de vinho.

E Dom Quixote continuou explicando aos seus ouvintes atônitos que “Todas as coisas comuns eram naquela era santa; (...) Tudo era paz então, toda amizade, toda concórdia; (...) Não houve fraude, engano ou malícia misturando-se com a verdade e a seriedade. A justiça estava em seus próprios termos, sem se atrever a perturbar ou ofender os favoráveis e os de interesse, que agora a minam, a perturbam e a perseguem”.

Com essas palavras, ele aludiu ao mito da Idade do Ouro, coletado pela primeira vez em meados do século VIII a.C. pelo poeta grego Hesíodo em *As obras e os dias*; um mito que é, sem dúvida, a primeira utopia, neste caso retrospectivo, formulada em nosso campo cultural. Sem mencionar aqueles que criaram todas as religiões, paraísos promissores após a morte, ou aqueles que anunciam livros religiosos diferentes, como o Apocalipse, com o Reino dos Últimos Dias.

Acho que é um bom momento para pensar no papel que as utopias tiveram ao longo da história para a construção do futuro. E examine esse gênero de obras, para identificar novas ideias que nos permitem essa construção. Como foi dito na convocação do Colóquio, desde a publicação da obra de Tomás Moro em 1516, há quinhentos anos, a elaboração de utopias tem sido usada para criticar a sociedade existente e, ao mesmo tempo, propor modelos alternativos, mais justo e igual. Sem dúvida, a história desse gênero remonta à antiguidade grega, com as propostas de filósofos como Platão na *República* e nas *leis*, que se estendem ao sistema criminal, à economia e às relações com outros cidadãos, e à descrição de sociedades com características que aparecem como aspectos básicos da utopia desde o primeiro. Que também foram usados como modelos para construir realidades concretas. Por exemplo, pelo Adelantado de Canarias D. Alonso Fernández de Lugo, em 1504, para restabelecer a cidade de La Laguna com o modelo das *Leis de Platão*, um projeto estudado por María Isabel Navarro Segura², para a qual, precisamente por esse motivo, temos que associar a organização deste colóquio.

MUNDOS QUE NÃO EXISTEM

Atualmente, quando tantos riscos e catástrofes ameaçam o futuro da Humanidade e do planeta Terra, os diagnósticos sobre a situação atual não são suficientes, mas é necessário pensar em modelos alternativos e propô-los de maneira argumentativa. Parece apropriado rever as utopias

² Navarro Segura 1999, e 2006.

elaboradas no passado, sua viabilidade e, também, seus riscos e ameaças; além de ajudar a elaborar novas utopias, que partem da visão crítica da realidade que existe atualmente e que propõem maneiras de pensar em um futuro melhor, mais justo e sustentável.

Utopia são descrições de realidades que não existem, mas são feitas com a intenção de projetar o mundo desejado. As utopias tentaram imaginar e descrever cuidadosamente as sociedades ideais, espaços para viver melhor; eles propõem novas formas de governo, organização espacial, estrutura social, coexistência. Por causa de seu conteúdo ideal e supostamente perfeito, às vezes têm sido descritos como "paraísos dos sonhos", que pretendem alcançar o "céu na terra", ou uma espécie de Arcádia feliz, onde prevalecem a felicidade e a paz.

A história do utopismo tem suas raízes na antiguidade. Além dos precedentes gregos, havia também propostas utópicas no mundo romano, das quais as mais claras são as de Cícero e Dion Casio³. O primeiro levou em consideração o modelo da República de Platão ao escrever sua *De re publica*, e possuía mais experiência política do que o filósofo grego e um conhecimento preciso da organização política do império⁴.

Também revelou a dimensão utópica da pregação de Jesus de Nazaré no anúncio do reino de Deus, e a elaboração que foi feita após essa pregação por alguns evangelistas, como uma história que tem duas características essenciais que apareceram. Geralmente nas utopias: “a ausência de propriedade privada (e de sua correlação com o dinheiro) e a presença de figuras autoritárias e paternas que dirigem a sociedade para obter o bem de seus súditos”⁵. Em várias passagens do Evangelho de Lucas, e nos Atos dos Apóstolos (4,32-35), uma situação é referida na qual todas as coisas são comuns; e outros autores indicaram textos bíblicos que contribuíram para a conformação do gênero utópico⁶, ao qual podem ser acrescentados outros da tradição cristã posterior, dentre os quais *A Cidade de Deus* de Agustín de Hipona⁷.

Tomás Moro publicou em 1516 seu livro *Libellus vere aureus, menos salutaris quam festivus, por optimo rei publicae statu deque nova insula Utopia* (Opusculum verdadeiramente dourado, e não menos saudável que festivo, sobre o estado ideal de uma República e a nova ilha

³ Na Espanha, o assunto foi tratado por Bauzá 1993. Nas imagens de cidades ideais e maravilhosas e arquiteturas ilusórias, Ramírez 1983.

⁴ No pensamento utópico de Cícero, pode-se ver Núñez González 1989, seguí Marco 2011 e Marín Martínez 2011. Quanto a Dion Casio, a utopia aparece no debate sobre Agrippa e Patronos, Espinosa 1987

⁵ Fontana Elboj e Gomollón García 2007, p. 115. Em um sentido semelhante, Campanella escreveu em *A Cidade do Sol* que “Cristo fundou uma República admirável, purificada de todo pecado. Mas mesmo os apóstolos não o observaram completamente. Da cidade, passou para o clero e, por fim, limitou-se aos monges” (ed. 1971, p. 88).

⁶ Entre eles Apocalipse 21-22.

⁷ Em outras utopias ou parautopias medievais, os trabalhos reunidos em dois trabalhos coletivos podem ser vistos: Ingham & Lochrie 2005 e Alvira Cabrer e Díaz Ibáñez (coords.) 2011.

da Utopia). Ele escreveu com o modelo da República de Platão, embora com a intenção de superá-lo⁸.

Não existe propriedade privada nessa ilha, os bens são distribuídos igualmente de acordo com as necessidades dos cidadãos, e a sociedade tem outras características muito diferentes das conhecidas na época. O autor afirma que tem muitas dúvidas e não hesita em responder ao informante: "Sou da opinião contrária e acho que os homens nunca podem viver com prosperidade, onde todas as coisas são comuns"⁹; mas ele acrescenta: "Não negarei a existência na República da Utopia de muitas coisas que mais desejo que espero ver implantadas em nossas cidades".

Entre eles, Moro defende firmemente a tolerância em relação a outras ideias e outras religiões; uma das leis utópicas mais antigas prevê que "ninguém se perturbe por causa de suas crenças", as cerimônias exclusivas de uma única religião são realizadas no campo específico da mesma, e as cerimônias públicas são muito regulamentadas, para que não afetem o privado¹⁰.

Muitos, na Era Moderna e Contemporânea, desenvolveram esses modelos imaginados, como críticas à sociedade existente, considerada injusta¹¹. Embora geralmente fossem propostas puramente intelectuais, sem pensar em uma concretização futura, elas poderiam ter tido algum impacto no debate intelectual. Mas, como é sabido, algumas dessas propostas utópicas foram elaboradas com a intenção de serem construídas na realidade.

Os ideais utópicos também podem ser encontrados em obras dos mais diversos caracteres. Por exemplo, nas primeiras histórias de cidades que foram elaboradas no Renascimento: narrando de certa maneira a evolução da cidade e suas características básicas, de alguma forma, propondo também uma forma futura de sua organização e, portanto, foi possível defender que eles eram, de certa forma, uma utopia¹².

Embora as utopias se desenvolvam no "lugar nenhum", elas sempre têm uma configuração geográfica profunda e estimulam a imaginação. Eles também podem ser um lugar

⁸ "É um lugar até agora conhecido por muito poucos, mas isso deve ser conhecido por todos, já que excede em muito a República de Platão", Moro ed. 2006, p. 17

⁹ Como Tomasso Campanella faria anos depois em A Cidade do Sol, ao qual acrescentou Perguntas sobre a República ideal, cujo artigo 1 diz: "Se é razoável e útil adicionar o diálogo da Cidade do Sol à doutrina política", onde ele lista seis objeções importantes, às quais ele tenta responder (Campanella, ed. 1971, p. 85-120).

¹⁰ Sobre tolerância e humanismo em Moro, Cabrera Valverde 2012.

¹¹ Existem inúmeras histórias que foram elaboradas sobre esse gênero. Entre os mais valiosos estão os de Mumford (1922) ed. 2013, Manuel & Manuel ed. 1982 e Servier 1991.

¹² Quesada Casajuana 1988 e 1992.

para morar, uma ambiguidade que o próprio Moro incentivou ao apresentar argumentos para entender que poderia ser 'nenhum lugar (outopia)' ou um 'bom lugar' (euforia)¹³.

Entre os que, desde o Renascimento, tentaram elaborar o modelo de uma sociedade bem organizada e governada, está Francis Bacon. Em sua Nova Atlântida (1626), ele concedeu grande autoridade aos homens da ciência, com maior poder que o rei. A Casa de Salomão, como uma espécie de Academia de Ciências, visa "o conhecimento das causas e noções secretas das coisas e o engrandecimento dos limites da mente humana para a realização de todas as coisas possíveis"¹⁴.

Ao descrever mundos que não existem, é difícil se destacar completamente da realidade que é conhecida. A utopia é feita a partir do existente, tanto socialmente (grupos sociais e ofícios existentes aparecem na cidade ideal), como na forma física e no uso da ciência para a nova sociedade, cujo conhecimento contemporâneo os autores das utopias aludem repetidamente.

Eles são historicamente condicionados pelo exame das utopias propostas desde o século XVI até hoje, com referências a realidades muito diferentes em cada caso. Na utopia de Moro, havia escravos que faziam todo o trabalho desagradável, como matar e esfolar animais, e também mercenários para a guerra, além de outras características relacionadas à situação na Europa do século XVI.

Também historicamente condicionadas estão as representações espaciais das utopias, que geralmente estão localizadas em uma ilha como um lugar feliz. Ou a descrição da forma da cidade, uma vez que as propostas frequentemente têm um componente urbano¹⁵. De fato, como as utopias, os modelos urbanos elaborados são normalmente condicionados pelo conhecimento da realidade em que o autor vive. É muito difícil escapar do que é conhecido e imaginar situações muito diferentes. O primeiro exemplo disso está no tratamento do final da Idade Média e do Renascimento. Francesc Eiximenis, no livro *Dotzé del Crestiá* (último quartel do século XIV), reflete em sua cidade ideal as novas cidades fundadas no Reino de Valência, que ele conhecia bem, e que expressavam a mentalidade burguesa que então se formava como a da nova ordem franciscana¹⁶. Da mesma forma, os tratados arquitetônicos e urbanos propostos no Renascimento

¹³ No sextino que aparece na 4ª edição, diz-se: 'Utopia me chamou de antigos, por estar tão distante / Émula em nossos dias da cidade platônica / Talvez até superior ... / Eutopia é o nome com o qual eu mereço ser nomeado', tradução de José Luis Galimidi, Moro ed. 2006.

¹⁴ Bacon 1980, p. 205; Prefiro a tradução da edição de 1971, p. 40.

¹⁵ Ver Goodey 1970, Ramírez 1983.

¹⁶ Isso foi demonstrado por Maravall 1969, ed. 1983.

se baseiam nos tipos de cidades existentes, como foi revelado repetidamente¹⁷. O mesmo acontece nas utopias do século moderno e do século XIX, como as falanstérias e outras propostas utópicas dos oitocentos, que geralmente se relacionam à arquitetura neoclássica e ao urbanismo.

Sempre, alguns levavam as elaborações utópicas muito a sério e queriam fazê-las acontecer. A própria Utopia de Moro foi usada desde 1535 pelo ouvidor da Audiência da Nova Espanha, e depois pelo Bispo de Michoacán, para organizar hospitais de vilarejos e, posteriormente, comunidades indígenas naquela província, reconhecendo explicitamente sua inspiração no livro em inglês¹⁸.

O trabalho de Moro era bem conhecido e lido na Espanha¹⁹. Havia numerosos leitores Moro neste país, o que foi facilitado pelo relacionamento do autor com Erasmus, pelo fato de ter permanecido na obediência de Roma e por sua morte subsequente que o tornou mártir e santo. A influência sobre Cervantes e Quevedo tem sido observada²⁰. Mas o gênero que Moro cultivou mal estava na Espanha. Primeiro, porque havia um similar e mais adaptado à realidade hispânica, assim como a arbitragem. E também porque na América eles estavam tentando construir uma nova sociedade e havia muitas utopias localizadas lá, começando com a mesma ilha Utopia, localizada em algum lugar do Novo Mundo, como o viajante Hitlodeo, apresentado em português, narrado duplamente em Moro e companheiro de Américo Vespuccio. Essas utopias também aparecem no milenarismo franciscano, e depois em muitas utopias explícitas e em outras implícitas, como as crônicas das Índias, onde existem elementos utópicos e apocalípticos²¹. Mas também de certa maneira, nas Novas Leis de 1542; e pode-se acrescentar que as dificuldades de criar um mundo ideal foram rapidamente vistas com os conflitos e o fracasso da tentativa de aplicar essas leis.

É possível que a escassa preocupação de espanhóis e portugueses em escrever utopias tenha a ver com o fato de estarem ocupados demais na esperança de encontrar, ou criar, verdadeiros mundos utópicos na América: da fonte da eterna juventude até a criação de um novo

¹⁷ Por exemplo, em relação à *Trattato d'Architecture* de Filarete, ou à descrição da cidade ideal de Francisco de Giorgio.

¹⁸ Entre os numerosos estudos sobre isso, pode-se ver Serrano Gassent 2001; também Gómez Escoto 1998, que fez uma comparação entre as idéias de Moro e as de Vasco de Quiroga, que usaram o trabalho de Moro como um "sampler" ou modelo.

¹⁹ López Estrada 1980. A primeira tradução para o espanhol pode ser consultada on-line (Moro 1637).

²⁰ Maravall 1976; Dom Quixote seria "utopia como prática diária". A tradução para o espanhol da obra de Moro, por Antonio de Medinilla, foi feita por recomendação e insistência de Quevedo, e inclui uma "Notícias, julgamento e recomendação da Utopia de Tomás Moro", de Don Francisco de Quevedo. Os décimos estão incluídos na tradução de Medinilla, 3ª ed. "O preceito do governo que um inglês deu ao mundo e, embora aprendido, os deixou rústicos e para trabalhar".

²¹ Maravall 1982 (onde coleciona vários de seus artigos anteriores), Vilchis Reyes e Sala Catalá 1990.

cristianismo mais jovem e mais puro que o que havia sido afetado e dividido no Velho Mundo pela Reforma Protestante. O impacto das descobertas de novas terras parecia possibilitar essas sociedades ideais²².

Da mesma forma, o plano ortogonal e a estrutura urbana americana têm sido relacionados à utopia urbana renascentista e à utopia cristã²³. Certamente, no Novo Mundo, aconteceu como na ilha da Utopia descrita por Moro: quem viu uma cidade “viu todos eles, tão parecidos que são um do outro, desde que a natureza de cada lugar consente”; havia cinquenta e quatro cidades nesta ilha, “compatíveis com idiomas, institutos e leis, e quase um modelo fabricado, tanto quanto o local permitir”.

Também poderia haver utopias rurais, que de alguma forma continuam a linha que já havia sido inaugurada na literatura latina com o *Beatus Ille* de Horácio ou o *Virgílio Geórgicas*; essa linha é expressa na Espanha, de certa maneira, em *Decepção da corte e louvor da vila* (1539) por Antônio de Guevara, e continuaria com algumas obras do século XVIII²⁴.

A utopia se torna muito relevante no Iluminismo, quando novas traduções do trabalho de Moro foram feitas e novas foram propostas com muitas ideias utópicas, de reforma social. É o século em que um filósofo se atreveu a pensar em “paz perpétua” e cidadania universal, verdadeiras utopias kantianas, que sem dúvida refletem um ambiente intelectual mais geral.

Assim, a utopia geográfica da divisão administrativa igualitária proposta pelo cartógrafo e agrimensor Robert de Hesseln em 1780, para realizar a divisão provincial da França com uma grade de 80 quadrados de 18 léguas de lado, o que influenciará a divisão do território em Estados Unidos, em 1789; e na França, dividida em 80 departamentos, embora sem essa base geométrica. Da mesma forma, ocorre na utopia urbana de Sinapia, um verdadeiro manifesto político em que mudanças e reformas territoriais foram propostas para moldar o futuro em relação à divisão civil da Espanha e à organização administrativa, com diversos equipamentos nas capitais²⁵.

Mas as utopias eram muito mais frequentes em ilhas distantes, relacionadas a viagens imaginárias²⁶. E, por outro lado, o pensamento de Rousseau leva a desvalorizar o urbano versus o natural. Geografias imaginárias foram escritas, às vezes surpreendentemente detalhadas, o

²² Cave, 1991.

²³ Que influenciaria as criações de novas cidades durante a Idade Média e também afetava a América Britânica, como defendeu Bielza de Ory 2002; também Navarro Segura 2006. A história medieval da utopia também foi tratada por López Estrada 1982.

²⁴ Martí 2001.

²⁵ Sambricio 2014.

²⁶ Capel 1985 b

resultado da imaginação. Utopias anti-iluminadas, como na Espanha o Tratado da Monarquia Columbine do Piarista Andrés Merino²⁷.

As utopias também foram refletidas na literatura desde o século XVI, logo dando origem a críticas sarcásticas, como Rabelais em Gargantúa e Pantagruel, apresentando-o como filho de Gargantúa, nascido aos 484 anos com sua esposa Badebec, Filha do rei de Amaurotas na utopia. Com o tempo, as utopias também deram origem a romances em que a busca pela fraternidade coletiva e as dificuldades que se opõem à realização desse ideal estão presentes; e, de qualquer forma, além disso, quase sempre para obras decididamente críticas, ou mesmo para sátiras ferozes, da sociedade em que o autor vive, como Jonathan Swift fez em sua obra Viaja para várias nações remotas do mundo, por Lemuel Gulliver (1726). Esses romances com descrições de terras e sociedades desconhecidas multiplicaram-se no século XVIII; como o caso de Pedro de Montegón²⁸ demonstra na Espanha²⁹, e outros³⁰, e depois nos séculos XIX e XX. Não é de admirar que tenha surgido se a utopia também é um gênero literário³¹.

A Declaração de Independência dos Estados Unidos em 1776, a Revolução Francesa em 1789 pareceu dar vida novamente à utopia, uma vez que elas aparecem como atualização e realização de utopias igualitárias. Na França, a Primeira República e a Constituição de 1791 tentaram estabelecer uma nova sociedade de cidadãos, alcançar a "felicidade comum" e desenvolver modelos para a sociedade ideal. Essa utopia constitucional mais tarde ecoa na Espanha em 1812 e nos estados liberais criados no século XIX; também na América hispânica e portuguesa: com independência, foi feita uma tentativa de tornar realidade a utopia republicana e constitucional.

Os ideais esclarecidos, como igualdade, fraternidade, individualismo e outros, foram todos para lutas políticas e utopias do século XIX, nas quais a fé na ciência também seria integrada, que adquiriu tanta força durante aquele século. Às vezes, os utópicos eram conhecidos como "igualitários" na década de 1840³². Eles tentavam alcançar a mudança de maneira pacífica ou beligerante.

²⁷ 1981 Tratado, atribuído por Pedro Álvarez de Miranda ao autor supracitado. Sobre as utopias espanholas da Era Moderna, ver Etiénnvre (coord) 1990, Bernabeu Albert 1996 e Sambricio 2014.

²⁸ Sobre ele Blanco Martínez 2001 e Cerezo Magán 2011.

²⁹ Como os de Diego Ventura Rexon A aventura de Juan Luis e Joaquín Traggia Eudemono.

³⁰ Especialmente na Grã-Bretanha; Na bibliografia britânica sobre o assunto, é costume citar o romance de William Dean Howells, A Hazard of New Fortunes (1889).

³¹ Segundo Trousson, 1975, Huerta Calvo 1983; ver também Molina Quirós, 1967.

³² Rama (coord.) 1977, p. XIV

Já no primeiro terço do século XIX, havia um grande número de seguidores de Claude-Henri de Rouvroy, conde de Saint-Simon, Robert Owen e Charles Fourier, que promoveram diferentes experiências sociais, de fábricas a jornais, escolas, jardins da infância, colônias cooperativas de produção e consumo ou bibliotecas e editores públicos. E isso não apenas na Europa, mas também na América e em outros continentes. Eles foram reforçados nos anos seguintes pelo eco das obras de Pierre-Joseph Proudhon, Louis Blanc e Louis-Auguste Blanqui em meados do século, cujas influências atingiram os grandes pensadores socialistas e libertários do final do século XIX.

No final dos oitocentos e início do século XX, quando a chamada questão social foi levantada intensamente, e protestos, greves e distúrbios trabalhistas aumentaram, muitos começaram a pensar que as coisas estavam dando errado e preocupados com a forma como poderiam melhorar. Uma parte das responsabilidades foi atribuída à industrialização e ao mercado. As alternativas foram pensadas e surgiram muitas novas propostas, na forma de apresentações totais ou parciais de uma sociedade ideal e bem organizada e onde esse desconforto não ocorria, o que normalmente envolvia mecanismos de redistribuição e equalização social, que poderiam estar ligados a propostas de organização econômica e espacial.

NOVOS MUNDOS E EXPERIMENTOS

Já vimos que o impacto das descobertas parecia tornar todas as utopias possíveis no Novo Mundo. A América do Norte e o Sul davam a impressão de ser um continente apropriado para experiências utópicas, como percebidas na Europa, e também se acreditava na América, no século XIX, em países recém-independentes.

Esses países, dos Estados Unidos à Argentina, poderiam contribuir para estabelecer uma nova ordem social, diferente do passado colonial imposto pela Europa. A América, que já havia sido vista como o lugar do paraíso terrestre, localizado no coração do Novo Mundo por algum

autor³³, poderia mais uma vez ser um paraíso em um continente que era, novamente, novo. Os EUA atraíram muitos utópicos, porque da Europa pensava-se que era mais fácil mudar a sociedade e as ideias em países recentemente independentes do que na Europa antiga. Às vezes, com utopias "científicas", como um experimento de imaginação sobre a nova sociedade. Esses modelos, que se tornaram realidade na América, talvez pudessem ser espelhos para onde a Europa olhava, contribuindo para mudar as sociedades desse velho continente.

Os numerosos movimentos de intelectuais contribuíram para alimentar suas ideias na Europa e expandir suas concepções em diferentes países americanos, onde se estabeleceram temporária ou permanentemente.

As ideias de dissidentes religiosos europeus, especialmente anglicanos e quakers, também chegaram aos Estados Unidos. Lá, várias utopias religiosas foram colocadas em prática, na Filadélfia e em outros lugares³⁴, e outras decididamente seculares foram julgadas, especialmente em países da América Latina durante o século XIX.

É verdade que, nos mesmos países independentes, o poder era geralmente ocupado por uma oligarquia que nem sempre recebia os projetos de renovação de intelectuais liberais, nem as propostas igualitárias e socialistas que foram elaboradas. Mas também houve governantes dos novos países que não hesitaram em imaginar as utopias como ideais de progresso em seus países³⁵.

No século 19, as utopias eram frequentemente elaboradas por pensadores que pretendiam mudar a sociedade. Utopia com fé na capacidade de progredir e no potencial dos novos países americanos. Os falanstérios foram criados em muitos casos, às vezes como estabelecimentos de colônias agrícolas e instituições como escolas, berços públicos e outros.

Algumas das utopias elaboradas eram anti-industriais e tentavam afirmar valores antitéticos aos quais o capitalismo estava implantando. Diante disso, defendiam o retorno à natureza, a solidariedade entre grupos sociais, a vida comunitária, a superação do egoísmo e da ganância, embora mantivessem frequentemente relações trabalhistas baseadas em salários.

Nos países americanos, muitas publicações, livros, brochuras e até jornais com títulos inovadores apareceram durante a segunda metade do século XIX³⁶. Às vezes é um socialismo que

³³ Como Antonio de León Pinelo em *El Paraiso no Novo Mundo: comentário apologético: história natural e peregrinação das Índias Ocidentais, ilhas e Tierra-Firme del Mar Oceano*, Madri, 1656; sobre o significado desta obra Capel 1985 ("O paraíso do Novo Mundo e a segunda criação", p. 96 e segs.)

³⁴ Reys 1992.

³⁵ Entre os exemplos mais precários, Domingo Faustino Sarmiento, na Argentina, Pickenhayn 2000.

³⁶ Como O socialismo do brasileiro José Ignacio Abreu e Lima, 1852-55, em que se dizia que o socialismo é "uma tendência da raça humana a converter ou formar uma família única e imensa"; texto reproduzido em Rama (coord.) 1977, p. 165-180.

não rompe com o cristianismo e cujas obras podem ser dedicadas aos governantes; como o livro *O socialismo* de José Ignacio Abreu e Lima, dedicado ao imperador Pedro II do Brasil³⁷.

A leitura dos documentos utópicos frequentemente produz emoção pela clareza e força com que os ideais de reforma são expressos e pelas convicções sobre os princípios nos quais a nova sociedade deve ser fundada. Então, quando você lê, por exemplo, as declarações da Argentina Esteban Echevarría em 1837 sobre "O dogma socialista" e os princípios nos quais se baseia: a associação, que deve necessariamente estar entre iguais, as ideias de progresso, de fraternidade, de igualdade, liberdade e propostas para organizar a nação em bases democráticas³⁸. Ou os do chileno Santiago Arcos Arlegui: "os pobres participarão ativamente quando a República oferecer terra, gado, ferramentas agrícolas, em uma palavra, quando a República se oferecer para enriquecê-lo e, dado o primeiro passo, prometer torná-lo guardião de seus interesses, dando-lhe uma parte de influência no governo"; a enumeração dos direitos e deveres do cidadão é admirável, onde se afirma explicitamente que "todo cidadão é um legislador, júri, executor"³⁹.

Alguns utópicos estavam tão convencidos da bondade de suas ideias e da vontade de colocá-las em operação, que estavam dispostos a experimentá-las com qualquer governo, liberal ou autoritário, nos Estados Unidos ou em territórios coloniais, o que era possível devido à aceitação deles. Caráter civilizador do colonialismo europeu.

Alguns foram planejados por grupos que desenvolveram utopias leigas ou para comunidades religiosas, adaptados aos seus ideais intelectuais ou espirituais e suas normas⁴⁰. Houve numerosos escritos de propaganda daqueles que tentaram espalhar as idéias dos socialistas utópicos europeus, como Owen, Fourier ou Proudhon nos países americanos, e a mesma intervenção desses autores por meio de várias iniciativas. Entre eles, os fundamentos que Robert Owen experimentou a partir de 1825, a criação de falanstérios e falanges de Charles Fourier e os fundamentos de Icaria de Etienne Cabet. A colônia de New Harmony, em Indiana, promovida por Owen, estava tentando promover comunidades, e resultou na Sociedade de Promoção de Comunidades de Nova York e na Sociedade de Colonização Doméstica, fundada pelo filho de Robert Owen, Robert Dale Owen, um americano nacionalizado.

Owen considerou o México um país apropriado para experimentar seus projetos de fundar uma nova sociedade; e ele tentou dar ao governo mexicano a província do Texas e Coahuila

³⁷ Havia muitas propostas vindas diretamente de socialistas utópicos, como mostra o livro coordenado por Rama (coord.) 1977.

³⁸ Na antologia de Rama (coord.) 1977, p. 89-130.

³⁹ Na antologia de Rama, 1977, p. 139-164, as citações na p. 147 e 155.

⁴⁰ Reys 1992, cap. 16 "Cidades de Sião: o planejamento de comunidades utópicas e religiosas".

a uma sociedade "que seria formada para fazer uma mudança radical na raça humana"⁴¹. Entre as utopias que tentaram ser construídas na América está a criada no México em 1884: Topolobambo, a metrópole socialista do oeste; permaneceu propriedade privada, mas terras, canais de comunicação ou instalações públicas seriam municipais; uma cidade que será fundada "em princípios, e sem fins lucrativos, uma cidade na qual os cidadãos cooperarão para tornar tudo possível para e para eles"⁴².

Durante o século XIX, houve proliferação de projetos e fracasso da maioria: em geral, os falanstérios, famílias, comunidades e cidades utópicas duraram pouco tempo⁴³. No primeiro terço do século XX, foram feitas muitas propostas urbanas, modelos para o futuro urbano. Projetos de cidades bem organizadas que poderiam influenciar a vida social foram desenvolvidos, embora muitos tenham falhado.

Também foi dada ampla atenção à utopia literária. À narração de sociedades perfeitas que aparecem em descrições como as de William Morris (*News from Nowhere*, 1890) ou H. G. Wells (*A Modern Utopia*, 1905). O de Morris é, como o de Moro em 1516, uma descrição do "lugar nenhum", de um lugar inexistente; É especialmente interessante como uma crítica feroz ao sistema econômico industrial britânico e europeu do final do século XIX e, devido à descrição de um mundo pós-industrial no qual as diferenças entre cidade e campo desaparecem, o governo não está a serviço dos ricos e dos ricos dos poderosos, não há criminosos ou violência porque a propriedade privada foi abolida, não existem leis civis ou criminais, a participação em assuntos públicos é feita através de assembleias, o trabalho é um prazer e não uma vergonha, e objetos São sempre úteis, sem que a produção seja orientada e dominada pelo mercado, entre outras características verdadeiramente inovadoras⁴⁴. No caso de H. G. Wells, seu romance *Uma Utopia Moderna* é a tentativa de escrever uma utopia que não se desenvolve em um lugar isolado, mas em uma sociedade planetária externa; influenciada pelo socialismo utópico também aceita o livre mercado para incentivar a inovação e a concepção malthusiana de limitação de crescimento, governada por uma tecnocracia que permite a mudança social.

Em face dessas sociedades perfeitas, outros escritores do século XX queriam mostrar os aspectos negativos desses mundos perfeitos, obcecados pelo controle e que destruíam o indivíduo⁴⁵.

⁴¹ Em Rama (coord.) 1977, p. LIII; ver também Gastón García Cantú 1986.

⁴² Albert Kinsey Owen, "O sonho de uma cidade ideal", em Rama 1977, p. 237-244, citado na p. 242.

⁴³ Denis et Nouchi 2014, p.74-81.

⁴⁴ Morris, ed. 1984, p.78, 79,81, 83, 87, 90, 94 e 98.

⁴⁵ Rodríguez Fernandez 2005.

O DESAFIO DAS UTOPIAS

A palavra utopia às vezes tem uma nuance pejorativa, como a irreabilidade longe do mundo real. O senso atual de utópico está frequentemente ligado a impossível, imaginário, quimérico, impraticável. O Dicionário da Real Academia Espanhola (19a ed.) também dá esse significado: "Plano, projeto, doutrina ou sistema lisonjeiro, mas irrealizável". Não é de surpreender que essa caracterização tenha sido alcançada, devido às mesmas características das propostas e pelas críticas que o gênero utópico recebeu.

As ideias sociais progressistas foram fortemente atacadas por fundamentalistas conservadores na Europa e na América, críticas especialmente dirigidas aos socialistas utópicos do século XIX⁴⁶.

Mas, além das críticas interessadas e reacionárias, houve também muitas outras que destacaram as atitudes autoritárias e até totalitárias que podem estar por trás delas.

Nas utopias, parece haver pouca liberdade individual, que deve ser submetida ao bem supremo da comunidade, o que pode significar: à decisão superior dos magistrados. Essa liberdade reduzida é a impressão que se tem ao ler muitas das propostas feitas desde o século XVI, como a do inglês Tomás Moro e a da calabresa Tomaso Campanella. Eles dominam muitas vezes, como neste autor, a ideia de bens comuns e o fato de que "as ciências, dignidades e prazeres são tão comuns que ninguém pode se apropriar de nada". Essa semelhança se estende às mulheres "por se conformarem com a norma fundamental de que tudo deve ser comum"; em uma sociedade com forte componente sexista, não se imagina que os homens também possam ser comuns a eles. As regras sobre procriação e união sexual estão claramente estabelecidas: os magistrados "sabem quem é adequado e quem não é para procriação, e também sabem qual é o homem sexualmente mais apropriado para cada mulher"; portanto, estabelece-se que as mulheres grossas juntam as magras e as magras às grossas, e outras medidas apropriadas são fornecidas para a melhoria da comunidade. Ao mesmo tempo, "aqueles que, por prazer, prescrição médica ou estimulação carnal, se juntam a mulheres estéreis, grávidas ou defeituosas não são obrigadas a manter ritos";

⁴⁶ Como Jaime Balmes fez no jornal *La Sociedad*. Revista religiosa, filosófica e literária, 1844. Volumes 3 e 4, online ;; para artigos sobre socialismo, ver vol. 4, p. 20 e segs. ; um resumo complementar das ideias da utopia de Tomás Moro, na p. 169-178. Ele também criticou as ideias socialistas Donoso Cortés: Ensaio sobre o catolicismo, o liberalismo e o socialismo, 1850.

isso se justifica porque "se uma mulher não é fertilizada pelo homem que lhe foi designado, ela é acasalada por outras pessoas e, se finalmente é estéril, torna-se comum a todos"⁴⁷.

Muitas vezes os textos não dizem nada sobre o que acontece se alguém se opõe às normas estabelecidas. A utopia pode se tornar perversa quando você deseja impor. A princípio, pretende-se que por convicção, mas depois se percebe que aqueles que discordam são forçados pela força. Tão terrível é a utopia que Platão apresenta em *The Laws*: educação em apenas uma direção e reeducação se os objetivos não forem alcançados. Geralmente são modelos bem-intencionados, mas cuja implementação produz medo. A convicção dá muita força; mas pode ser terrível quando você deseja subjugar o outro, educá-lo e reeducá-lo.

A mesma impressão negativa deu a Karl Popper a leitura das utopias platônicas apresentadas na República e nas Leis. Ele critica o filósofo grego, e outros autores utópicos, por apresentar uma estrutura fechada, sem a possibilidade de alterar democraticamente a ordem final alcançada, sob a direção de um governante-filósofo e sem liberdade individual⁴⁸. Popper faz a diferença entre os princípios de engenharia social democrática (que ele chama de 'engenharia social parcial ou dividida', engenharia social fragmentada) e engenharia social utópica. O primeiro é a busca de melhorias concretas e urgentes, e o segundo a busca de um bem social final, que às vezes pode demorar muito. Ele considera que o primeiro é um método razoável, para melhorar a condição de muitas pessoas imediatamente, e o outro, a luta por um objetivo final que pode estar muito longe.

Essas críticas e a rejeição das utopias são entendidas a partir das visões que Popper apresentou em várias de suas obras, nas quais o filósofo criticou as utopias concretas e o utopismo em geral⁴⁹. Ele declarou inúmeras vezes sua oposição radical à violência e sua confiança no uso da razão e da argumentação, como a única alternativa. Sua experiência nas duas guerras mundiais o tornou sensível à catástrofe da violência. Sem dúvida, ele levou em conta o risco de autoritarismo e totalitarismo, tanto do nazismo quanto do marxismo, e desconfiança ou medo das utopias que pretendiam construir. No nazismo, suas ideias coincidem com a opinião de outros

⁴⁷ Campanella ed. 1971, p. 19, 21,32, 38 e ss

⁴⁸ Fale sobre isso na sociedade aberta e em seus inimigos, cujo volume eu dedico a "A influência de Platão".

⁴⁹ Especificamente, na miséria do historicismo, na sociedade aberta e em seus inimigos, e em conjecturas e refutações; no capítulo 18 ("Utopia e violência", p. 425 e segs.) deste último trabalho, ele escreve: "Considero o que chamo de utopismo uma teoria atraente, e até enormemente atraente; mas também considero perigoso e pernicioso. Eu acho que é auto-frustrante e leva à violência" (p. 429). Avery 2000 apontou algumas objeções às interpretações de Popper sobre engenharia social.

autores que criticaram a utopia hitleriana expressa em *Mein Kampf*, e as ações do nacional-socialismo alemão e de outros regimes fascistas⁵⁰.

Contra isso, a partir do pensamento democrático, ele sempre afirmou sua rejeição ao estado tirânico e sua confiança no estado democrático, que permite que os governantes sejam trocados com métodos não violentos, e defendeu a sociedade aberta, que admite as mudanças. Dessas posições, entende-se sua firme oposição às construções utópicas supostamente perfeitas e como objetivo final a ser alcançado, porque isso significaria um sistema social estagnado, sem mudança, seria uma sociedade fechada, uma justificativa do totalitarismo e a falta de liberdade individual. Da mesma forma, ele se opôs à ideia marxista de uma evolução determinista da sociedade.

Popper alertou repetidamente contra ideais que não levam em conta a realidade e contra a pouca atitude tolerante que seus autores têm em relação a outras propostas que não correspondem a elas. Em geral, ele questionou as tentativas utópicas de alcançar um estado ideal e planejar a sociedade total, porque isso requer um governo forte e centralizado em poucas mãos e pode facilmente levar à ditadura. Ele afirma que a utopia leva à violência, ao silêncio dos críticos e à destruição da oposição.

O problema para ele surge quando os objetivos finais de uma sociedade ideal são planejados, mas não se fala em medidas práticas para alcançá-los.

Para distinguir entre o que ele considera planos admissíveis de reforma social e esquemas utópicos inadmissíveis, ele aconselha: “Trabalhe pela eliminação de males concretos, e não pela realização de bens abstratos. Não finja estabelecer a felicidade por meios políticos. Em vez disso, tendem a eliminar infortúnios concretos.” E ele acrescenta:

“O apelo do utopismo surge do não entendimento de que não podemos estabelecer o paraíso na terra. O que podemos fazer, por outro lado, é tornar a vida um pouco menos terrível e menos injusta em cada geração. Dessa forma, muito pode ser alcançado. Muito já foi alcançado nos últimos cem anos. Nossa própria geração pode alcançar ainda mais”⁵¹.

Ele acredita que "nenhuma geração deve ser sacrificada em prol de uma geração futura" e afirma que "cada homem pode levar sua própria vida em todos os momentos em que isso é

⁵⁰ Entre os estudos das utopias pré-fascistas e fascistas, o trabalho de José Hermand, *Velhos Sonhos de um Novo Reich: Utopias Volkianas e Nacional Socialismo* (Indiana University Press, 1992), que não pude consultar, é frequentemente citado.

⁵¹ Popper, *conjecturas y refutaciones*, ed. 1983, p. 431-32.

compatível com os direitos iguais dos outros". O governante deve estar ciente do conhecimento limitado "e do simples fato de que qualquer habilidade crítica que possua seja devida à interação intelectual com os outros".

Críticas semelhantes foram feitas às utopias e ao pensamento utópico em geral por autores que se inclinaram para a possível utopia, realizável em um futuro próximo. Então, Ernst Bloch distinguiu entre utopia concreta e utopia abstrata, que é a utopia proposta como objetivo. Mesmo na geografia, nas reflexões sobre o futuro, desenvolvidas no início da década de 1970, foi questionada a validade das utopias, criticada pela ausência de duas perguntas que nunca foram feitas naquele gênero: um "você pode chegar daqui a partir daqui" e outro que quer? "⁵².

A utopia foi acusada de irreal, de querer construir uma sociedade como um todo, às vezes alcançando regras muito detalhadas sobre as mais diversas questões. As utopias sempre falam de sociedades bem organizadas, graças a leis justas e bem desenvolvidas por um sábio legislador (rei, padre, legislador...) que tenta fazer seu povo feliz. Ele geralmente tenta alcançá-lo através da igualdade e da comunidade de bens. Ele procura estabelecer um mundo perfeito, descrito em detalhes, mas sem apontar como alcançá-lo ou os métodos para alcançá-lo, sem levar em conta os problemas que podem surgir para mudar a situação específica existente e as consequências que podem ser alcançadas. Produzem nos sistemas sociais existentes, sempre frágeis, apesar da força aparente que podem apresentar.

Na sociedade ideal imaginada, muitas vezes não há conflitos, há perfeita harmonia e conformidade. Mas isso é muito difícil; Ele entra em conflito com as diferenças das pessoas, com peculiaridades individuais. Sem dúvida, há conflitos entre pessoas e grupos sociais. Os conflitos devem ser enfrentados e resolvidos. Um futuro melhor e feliz, imaginado por apenas um ou poucos, e que se pretende impor pode ser terrível. A alternativa deve ser um futuro acordado coletivamente, mas como podem ser construídas utopias coletivas? Somente a democracia permite.

A UTOPIA CONTEMPORÂNEA

Na década de 1960, algumas vozes proclamaram o fim da utopia. É a isso que Herbert Marcuse se referiu em 1968 em um discurso na Universidade Livre de Berlim, considerando que era um conceito confuso e até prejudicial. O desenvolvimento tecnológico e a possibilidade de planejar a economia tornariam desnecessária a utopia para evitar os males da miséria, repressão e exploração. Erradicar a fome e a miséria no mundo, deixou de ser uma

⁵² Garrison ed. 1975, p. 359; a outra reflexão nesse mesmo trabalho é a de Haggitt 1975.

utopia e tornou-se uma possibilidade real; e não era difícil pensar em uma sociedade em que os conflitos fossem resolvidos sem opressão e sem crueldade.

Marcuse iniciou seu discurso com uma declaração nítida sobre o fim da utopia:

“Hoje, todas as formas do mundo dos vivos, todas as transformações do ambiente técnico e natural são uma possibilidade real e suas toupeiras são históricas. Hoje podemos transformar o mundo em inferno; Como você sabe, estamos no caminho certo para obtê-lo. Também podemos transformá-lo no oposto. Esse fim da utopia - ou seja, a refutação das idéias e teorias que usaram a utopia como uma denúncia das possibilidades histórico-sociais - agora pode ser entendido em um sentido muito preciso como o fim da história, no sentido (...) que as novas possibilidades de uma sociedade humana e de seu mundo circundante não são mais imagináveis como uma continuação do antigo (...), mas pressupõem uma ruptura com o continuum histórico.”

Ele então defendeu que o conceito de utopia é um conceito histórico. Refere-se a "projetos de transformação social considerados impossíveis, primeiro porque os fatores subjetivos e objetivos de uma determinada situação social se opõem à transformação", e segundo "porque estão em contradição com certas leis cientificamente comprovadas, biológicas ou físicas."⁵³

Marcuse, como outros, não considerava o marxismo como uma utopia, mas como algo possível, e considerou que as utopias poderiam deixar de ser assim e começar a se realizar. Mas os debates sobre o stalinismo, a descoberta dos gulags e as notícias sobre os delírios da chamada Revolução Cultural Chinesa, bem como, posteriormente, a queda do Muro de Berlim em 1989, representaram um duro golpe à ideologia comunista, que alguns consideraram que era, ao mesmo tempo, uma utopia revolucionária⁵⁴.

Nos últimos anos do século XX, os riscos que ameaçavam a humanidade se multiplicaram, e parecia que a utopia era impossível. Certamente poucos como Jürgen Habermas foram capazes de expressá-lo com maior convicção, em uma conferência que ele deu no Congresso dos Deputados de Madri, no final de novembro de 1984⁵⁵; se o pensamento utópico "parece ter a função de iluminar espaços de possibilidade, que apontam para além das continuidades históricas", naquela época, o pensamento utópico e o pensamento histórico "saturados de experiência" pareciam estar confusos.

⁵³ Marcuse ed. 1969, p. 7-8

⁵⁴ Alguns propuseram reverter o caminho indicado por F. Engels em seu famoso artigo, passando do "socialismo científico ao socialismo utópico", como Adolfo Sánchez Vázquez, seu livro, 1975; ver também Aínsa 1977 e Fernández Buey s.f.

⁵⁵ Habermas 1984.

"Hoje parece", disse ele, "como se as energias utópicas tivessem sido consumadas". A visão do futuro estava carregada de sotaques negativos; no limiar do século XXI "é traçada a imagem aterradora de riscos que afetam globalmente os interesses gerais da vida: a disseminação descontrolada de armas nucleares, o empobrecimento dos países em desenvolvimento, o desemprego e a pobreza". Os crescentes desequilíbrios sociais nos países desenvolvidos, problemas ecológicos ou tecnologias que operam quase à beira da catástrofe"; e um emprego, disse ele, orientado em termos de lucro e mercado, e em termos capitalistas.

Ele denunciou que intelectuais e políticos não sabem como responder coerentemente a essa situação. E ele detecta que "a suspeita se estende de que o esgotamento da energia utópica não é apenas uma indicação de um pessimismo cultural transitório", mas "pode ser uma indicação de uma mudança na consciência moderna do tempo". Ele, por sua vez, considerou que não é que as energias utópicas estejam se retirando, mas que "o que estamos assistindo é antes, no final de uma certa utopia da utopia, que no passado cristalizou em torno da sociedade do trabalho "

É verdade que, ao mesmo tempo em que foram ouvidas vozes sobre o fim da utopia⁵⁶, para outros, a crise de meados da década de 1970 e os problemas que ela criou, além de outros fatores, incluindo a controvérsia dos limites do crescimento, estimularam a necessidade de utopia na forma de propostas para solucionar os problemas colocados pela crise e pela evolução da economia capitalista⁵⁷. Desde aqueles anos, o movimento ambientalista se traduz frequentemente em utopias. Assim, o Relatório Brundtland sobre Nosso Futuro Comum, 1987, que defendia o crescimento sustentável; e as propostas sobre a necessidade de alcançar a diminuição, da qual numerosos autores foram feitos porta-vozes, com uma série de propostas radicais que possuem um forte componente utópico.

Também começaram a aparecer histórias de utopias ecológicas, como o romance de ficção científica de Ernest Callenbach *Ecotopia: The Notebooks and Reports of William Weston* (1975), com a descrição de um novo estado ambiental independente dos Estados Unidos, sem poluição, com energias renováveis e totalmente igualitário⁵⁸, que seria seguido por muitos outros em diferentes países⁵⁹.

Movimentos utópicos poderiam ser considerados aqueles que emergiram da ecoutopia, bioeconomia, agricultura na cidade, cooperativas autogerenciadas, anticapitalistas, solidariedade,

⁵⁶ Um exame dessas vozes sobre o fim das utopias e a defesa que os tempos parecem inadequados para elas, em Kumar 2010.

⁵⁷ Exemplos em Ainsa 1977.

⁵⁸ Tschachler 1984.

⁵⁹ Com inúmeros precedentes, entre os quais o romance de Jean Giono *Que ma joie demeure*, 1935 é citado.

alternativas, rural, rural-urbana, libertária. Existem muitos estudos e até o ecologista manifesta que formulou esses princípios⁶⁰. Busca o desenvolvimento sustentável, e são feitos esforços para valorizar a natureza e o meio ambiente monetariamente e não monetariamente⁶¹. Propõe-se agora que o crescimento econômico em harmonia com o ambiente natural deixa de ser uma utopia e se torna algo real. Críticas ao crescimento ilimitado fizeram surgir movimentos populares contra o crescimento, e propostas de declínio⁶²; por exemplo, pelos movimentos do alter-mundo, que apareceram em 1999 contra a cúpula de Seattle e contra o neoliberalismo.

Muitas comunidades alternativas foram fundadas em diferentes continentes. Como locais da vida comunitária internacional, viver em paz e harmonia, independentemente de crenças e opiniões políticas; conforme planejado em Auroville, na Índia, desde 1965 e em outros lugares⁶³. Também foram criadas ecovilas, definidas em 1991⁶⁴ como assentamentos humanos, em escala humana ", que inclui todos os aspectos importantes da vida, integrando-os respeitosamente ao ambiente natural", assentamentos em que todos conhecem e se relacionam, e onde todas as atividades, do trabalho ao lazer, ocorrem na vila de forma sustentável.

Hoje muitos anunciam o aparecimento de outras utopias. Como a utopia pluricultural, que tem, por um lado, uma dimensão de aceitação da cultura de imigrantes em um país, e se reflete no "multiculturalismo"; e, por outro, a consciência da existência de diferentes grupos étnicos que moldam um estado pluricultural. O último é reivindicado especialmente em países da América com forte conteúdo populacional indígena, e particularmente na Bolívia; que pode estar ligado ao questionamento da estrutura política do estado e ao slogan "encolher o estado e ampliar a sociedade". Tais utopias pluriculturais podem às vezes estar ligadas à utopia ecológica, uma vez que se considera que os povos indígenas podem ser considerados "como especialistas ancestrais de uma relação sustentada com o meio ambiente"⁶⁵.

No final do século XX e durante o que fomos do século XXI, diferentes manifestos com proclamações utópicas foram elaborados e divulgados. O movimento dos indignados, provocados

⁶⁰ Cotgrove 1976, Cotgrove & Duff 1981. Sobre propostas de reciclagem de resíduos e manifestos ecológicos, Alió e Jori 2009 e Jori 2011.

⁶¹ Relea Fernández 2005.

⁶² Fernandez Buey 2007-08.

⁶³ Exemplos de novas comunidades utópicas podem ser Whiteway Colony, 1899; Degania, mãe dos Kibutzim; Monte Verità; Twin Oaks, 1967; Arcosanti, 1970 e outras comunidades utópicas que foram fundadas; Denis et Nouchi (orgs.) 2014, p. 118-123; e a exposição "Utopie, a sociedade da sociedade idealista", Biblioteca Nacional de Exposições Paris, 2000.

⁶⁴ Por Robert Gilman 1991.

⁶⁵ Albó, s. f

ou impulsionados pela crise ganhou visibilidade, movimento que mobiliza milhares de cidadãos de vários países⁶⁶.

De fato, também se pode dizer que muitos tratados e modelos urbanos são propostas utópicas. Devemos valorizar a busca de alternativas imaginativas de mundos melhores, como foi feito no planejamento urbano⁶⁷. Durante o século XX, houve movimentos para desenvolver um urbanismo utópico, tentando projetar a cidade ideal, com um grande número de arquitetos que fizeram propostas para o desenvolvimento de um novo urbanismo, cada vez mais preocupado com questões ecológicas⁶⁸.

Mais especificamente, a visão da comunidade ideal da burguesia se reflete na utopia da área suburbana⁶⁹, com casas unifamiliares e na cidade segura e fechada; o último é uma comunidade projetada antes de sua construção e imaginada como um local seguro, embora sem uma ideia clara do que realmente pode ser⁷⁰.

O direito à cidade também pode ser considerado uma utopia do século XXI; e, ao mesmo tempo, procura-se cada vez mais uma cidade ecológica, considerada uma utopia contemporânea realizável⁷¹.

Existem utopias gerais, para a sociedade como um todo, e também muitos tipos de utopias parciais e específicas: social, econômica, ecológica, arquitetônica, urbana, artística, literária, educacional; e hoje feministas, digitais, tecnológicas e científicas. Nas visões tecnológicas do futuro da Humanidade já existem seres pós-humanos, como o ciborgue, e também se fala de uma pós-Natureza.

Neste momento, podemos enumerar utopias progressivas e reacionárias: utopias socialistas e libertárias, mas também capitalistas e neoliberais, nas quais o Mercado é a Mão Invisível que governa tudo. Muitos movimentos de protesto podem ser considerados, na realidade, utopias. E desde o início do milênio, muitos intelectuais de esquerda reexaminam e reavaliam utopias e pensamentos utópicos e consideram que a utopia do socialismo pode se tornar uma possibilidade diante da crise do capitalismo⁷². O atual dinamismo dos movimentos utópicos se

⁶⁶ Por exemplo, "Ocupe Wall Street", "Somos os 99%", "Democracia real agora" e outros; veja Taibo e outros 2011.

⁶⁷ Pinder 2002. Por outro lado, Françoise Choay (1980) considera que na Europa os tratados sobre arquitetura e urbanismo aparecem no século XV para estabelecer as regras da construção da cidade e atribuem uma importância fundamental ao De Re Aedificatoria de Alberti (1452) e a Utopia de Moro (1516).

⁶⁸ Choay 1965; Cohen 2000.

⁶⁹ Na utopia burguesa do subúrbio de Fishman, 1987, nos condomínios fechados como expressão da utopia burguesa, Ueda 2005; e os vários estudos realizados por Sonia Vidal-Kopmann na Argentina e por Luis Felipe Cabrales no México.

⁷⁰ Rodrigues 2007.

⁷¹ Micoud 2000.

⁷² Fernández Buey 2007; e Wright 2014, que propõe "imagine utopias reais".

reflete na multiplicação de informações sobre eles: há uma década, em 2005, Bauman encontrou no Google 4,4 milhões de sites sobre 'utopia'; hoje já existem 57,3 milhões.

Ao pensar no futuro da humanidade, não apenas as utopias foram propostas como lugares e lugares bons. À sua frente, também foram desenvolvidas anti-utopias, contra-utopias, sátiras utópicas, cacotopias e distopia. Estes questionam a sociedade existente, mostrando as consequências de algumas características presentes, se continuarem acentuando no futuro. Foi apontado que o mundo de hoje é muito semelhante ao que alguns autores anunciaram; por exemplo, para o mundo feliz de Aldous Huxley ou para as fábulas de uma sociedade controlada pelo Big Brother que George Orwell descreveu em 1984.

A utopia também se reflete no cinema. Os filmes que falam do futuro são muitas vezes em preto e branco, com o modelo Fritz Lang Metropolis, com arranha-céus e os pobres vivendo no subsolo, visões de futuro bastante pessimistas. Eles frequentemente se referem a catástrofes naturais ou humanas, incluindo explosões nucleares, embora às vezes também com resistência que busca esperança. O Apocalipse agora é um exemplo, assim como muitas histórias de ficção científica.

O PAPEL DAS UTOPIAS HOJE

Mas não devemos ter medo de utopias. Eles representam a imaginação de uma ordem social nova e melhor que a atual e pela qual se pode lutar para torná-la realidade em um futuro próximo ou distante.

Não é ruim que haja metas a serem alcançadas. A expressão dos ideais que temos, sua manifestação pública e sua defesa têm grande força e contribuem para a mudança do mundo⁷³. Ideais como liberdade, igualdade, fraternidade e outros, eram poderosos slogans para impulsionar a demanda por profundas mudanças na sociedade.

Devemos examinar aqueles que foram desenvolvidos, para ver se existem ideias valiosas para a construção do futuro.

Em agosto de 1977, durante a celebração do XVII Congresso Internacional de História da Ciência, realizado em Edimburgo, conheci o professor Torsten Hägerstrand que, além de uma sessão do simpósio sobre história do pensamento geográfico, participou de outras muito diferentes. Quando perguntei o que realmente o interessava, ele respondeu tudo. E ele explicou

⁷³ Já falei em outra ocasião, Capel 2012.

que o governo sueco o havia indicado como membro de uma comissão científica e técnica criada com o objetivo de examinar as patentes registradas no final do século XIX e durante o século XX e que não haviam sido utilizadas. A ideia era que, em um certo número deles, poderia haver ideias valiosas e que poderiam ter aplicação hoje⁷⁴.

Da mesma forma, acredito que as utopias propostas, especialmente as dos séculos XIX e XX, podem ser relidas para ver se existem ideias que podem nos ajudar a construir o futuro.

Hoje precisamos de utopia, diante do desastre que nos ameaça. As utopias propuseram modelos de organização da sociedade, foram uma força que nos permite imaginar sociedades mais justas e melhor organizadas.

Muitos continuam se opondo a um mundo sem utopia, aqueles que reagem contra uma sociedade que aceita o pessimismo e acreditam que somente com otimismo você pode ter força para tomar as ações necessárias para melhorar. Baumann citou escritores que pensam que a utopia é necessária, que o mundo sem eles seria inabitável e que o progresso é a busca de utopias, que é uma imagem de outro mundo diferente daquele que conhecemos, que este mundo é possível, e que pode ser criado pela ação humana⁷⁵. Ou seja, há confiança de que nós, humanos, podemos melhorar o mundo, que é uma visão otimista que dá força à ação.

Sem dúvida, esse pensamento coincide com o de muitos outros autores que argumentam que na utopia eles não gostam da realidade e pensam em outra, como deveria ser. Como disse Claudio Magris, o desencanto, que corrige a utopia, reforça seu elemento fundamental, a esperança⁷⁶. A utopia tem muito, de fato, esperança, crença de que uma ordem tão nova é possível, que existe um objetivo de direcionar esforços.

A utopia é uma crítica mais ou menos explícita da realidade existente, com todas as suas desigualdades e injustiças. Ao mesmo tempo, é possível imaginar que algum ideal de utopia possa ser aplicado à realização de reformas de vários tipos. Precisamos de utopias bem construídas, mas não dogmáticas, que sejam modestamente propostas, que não escondam dúvidas, que respeitem outras ideias e que estejam dispostas a enfrentá-las. Certamente Habermas conseguiu expressá-lo

⁷⁴ Não consegui encontrar a referência da agência estadual que poderia ser criada, apesar da ajuda de José Luis Ramírez, em Estocolmo, e Gunnar Olsson, em Uppsala. Graças a este último, perguntei ao professor Lenntorp, da Universidade de Lund, que conhecia Hägerstrand muito de perto, que não conseguiu encontrar notícias dessa comissão. No entanto, eles podem ter informações sobre isso na Associação Sueca de Inventores.

⁷⁵ Bauman 2005. No Facebook e no Google, você encontra inúmeras frases que valorizam a utopia para avançar; por exemplo, esses dois, muito repetidos: um atribuído a Anatole France: "A utopia é o começo de todo progresso e o desenho de um mundo melhor"; e outro de Eduardo Galeano: "A utopia está no horizonte. Eu ando dois degraus, ela se afasta dois degraus e o horizonte avança dez degraus, então, para que serve a utopia? Isso serve para andar".

⁷⁶ Magris 2001.

muito bem quando, depois de refletir sobre o fim das utopias, afirmou que “quando os oásis utópicos secam, um deserto de trivialidade e perplexidade se espalha”.

Hoje há medo do futuro, que se reflete na distopia no cinema e no romance. E no desencorajamento de muitas pessoas. Contra isso, há uma necessidade urgente de desenvolver propostas utópicas, mas também de preenchê-las com conteúdo político e programas que mostrem como estão sendo feitos progressos em relação a elas. É preciso imaginar utopias sobre o futuro de uma humanidade igualitária, com crescimento zero, sem pobreza, com igualdade de gênero, com relação a bens comuns, sem propriedade privada ou limitada, com todos os ideais que atribuímos a um mundo melhor. Eles devem ser utopias democráticas e participativas que sabem como gerenciar e concordar com as diferenças e conflitos que existem em uma sociedade complexa.

O essencial é o que eles estimulam a fazer, a reflexão sobre como a estrada que os leva a ser construída e ajuda a alcançar a meta com esforço diário.

Organizamos este Colóquio Geocrítico na esperança de que nos ajude a refletir em conjunto sobre todas essas questões.

BIBLIOGRAFIA

AINSA, Fernando. La reconstrucción de la utopía. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 1977. 257 p.

ALBÓ, Xavier. La utopía pluricultural [en línea] <<http://www.sjsocial.org/crt/albo.html>>

ALIÓ, M^a Àngels. La difícil transición hacia la prevención: una visión desde el análisis de las políticas sobre el reciclaje de residuos urbanos. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2008, vol. XII, núm. 270 (148) <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-270-148.htm>>.

ALIÓ, M. Àngels y JORI, Gerard. Formulació ciutadana de propostes per a la transició energètica. In CAPDEVILA, Laia, et al. (Coords.). Canvi climàtic i crisi energètica: solucions comunes. Barcelona: Consell Assessor per al Desenvolupament Sostenible a Catalunya, 2008, p. 121-130 <http://www.ub.edu/cres/catala/ambits_tematicas/publicacio_oceas.pdf>.

ALIÓ, M. Àngels y JORI, Gerard. La sociedad civil ante la crisis energética: aportaciones al reto ecológico desde la ciudad de Barcelona. In Comunicaciones técnicas del 9º Congreso Nacional del Medio Ambiente [CD-Rom]. Madrid: Fundación CONAMA, 2009.

ALVIRA CABRER, Martín, y Jorge DÍAZ IBÁÑEZ (COORD.). Medievo utópico: sueños, ideales y utopías en el mundo imaginario medieval. Madrid: Silex Ediciones, 2011. 310 p.

AVERY, Thomas. Popper on 'Social Engineering': A classical liberal view. Reason Papers, 2000, n° 26, p. 29-38 <http://www.reasonpapers.com/pdf/26/rp_26_3.pdf>.

BACON, Francis. Nueva Atlántida. Madrid: Zero (Colección Se hace camino al andar, serie 5, n° 19), 1971. 52 p.

BACON, Francisco. Instauratio Magna. Novum Organum. Nueva Atlántida. Estudio introductivo y análisis de las obras por Francisco Larroyo. México: Editorial Porrúa (Colección Sepan Cuantos, n° 293), 1980. 215 p.

BAUMAN, Zygmunt. Melting modernity: Living in utopia, L. S. E. Digital Library, 27 October 2005 <http://www.lse.ac.uk/publicEvents/pdf/20051027-Bauman2.pdf>

BAUZÁ, Hugo Francisco. El imaginario clásico: Edad de Oro, Utopía y Arcadia. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, 1993. 226 p.

BERNABEU ALBERT, Salvador. Las utopías y el reformismo borbónico. In Agustín GUIMERÁ. El reformismo borbónico. Una visión interdisciplinar. Madrid: Alianza Editorial, 1996. 299 p.

BIELZA DE ORY, Vicente. De la ciudad ortogonal aragonesa a la ciudad cuadrangular hispanoamericana como proceso de innovación-difusión, condicionado por la utopía. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, 15 de enero de 2002, vol. VI, núm. 106 <www.ub.es/geocrit/sn/sn-106.htm>.

BLANCO MARTÍNEZ, R. Pedro Montengón y Paret (1745-1824): un ilustrado entre la utopía y la realidad. Valencia: Universidad Politécnica de Valencia (Col. Letras Humanas), 2001. 414 p.

CABRERA VALVERDE, Jorge Mario. Humanismo y tolerancia en la isla de Utopía. Repertorio Americano. Segunda Nueva Época, Heredia, Costa Rica: Universidad Nacional, enero-diciembre 2012, n° 22, p. 63-76.

CHORLEY, Richard J. Directions in Geography. London: Methuen, 1973. Versión española: Nuevas tendencias en Geografía. Traducción Joaquín Hernández Orozco. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local (Colección 'Nuevo Urbanismo'), 1975. 508 p.

CAPEL, Horacio. La Física Sagrada. Creencias religiosas y teorías científicas en los orígenes de la geomorfología española, Barcelona: Ediciones del Serbal, 1985, 224 p.

CAPEL, Horacio. Geografía y arte apodémica en el Siglo de los Viajes. Geo Crítica, Universidad de Barcelona, n° 56, 1985, 60 p. <<http://www.ub.es/geocrit/geo56.htm>> .

CAPEL, Horacio. La fuerza de los ideales. Creación de estados liberales, constituciones políticas y transformación democrática. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de noviembre de 2012, vol. XVI, n° 418 (4) <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-418/sn-418-4.htm>>.

CAVE, Alfred A. Thomas More and the New World. Albion, A Quartely Journal Concerned with British Studies, Summer 1991, vol. 23, n° 2, p. 209-229.

CEREZO MAGÁN, Manuel. Pedro Montegón, jesuita y literato alicantino del siglo XVIII. Su impronta clásica. Nova Tellus, México: Universidad Nacional Autónoma de México UNAM, 2011, vol. 29, nº 1, p. 175-225.

CHOAY, Françoise. L'Urbanisme, utopies et réalités Paris, Seuil 1965. Traducción al castellano Urbanismo, utopías y realidades. Traducción Luis del Castillo, Barcelona : Lumen 1971. 539 p.

CHOAY, Françoise. La règle et le modèle. Sur la théorie de l'architecture et de l'urbanisme. Paris: Seuil, 1980. 374 p.

COTGROVE, Steve. Environmentalism and utopia. The Sociological Review, February 1976, vol. 24, nº 1, p. 23-42.

COTGROVE, Steve, & Andrew DUFF. Environmentalism, values and social change. The British Journal of Sociology, March 1981, vol. 32, nº 1, p. 92-110.

DENIS, Jean-Pierre, & Franck NOUCHI (Eds.). Atlas de las Utopías. (Monde Diplomatique en español). Valencia: Fundación Mondiplo/UNED, 2014. 186 p.

ELORZA, Antonio El fourierismo en España. Selección de textos y estudio preliminar. Madrid: Ed. Revista de Trabajo, 1975. CXLIX+362 p.

ESPINOSA, Urbano. El problema de la historicidad en el debate Agripa-Mecenas de Dion Casio. Gerión. Revista de Historia Antigua. Madrid: Universidad Complutense, 1987, nº 5, p. 289-316.

ETIÉNVRE, Jean-Pierre (coord). Las utopías en el mundo hispánico. Actas del Coloquio celebrado en la Casa de Velázquez, 24-26 de noviembre 1988. Madrid: Casa de Velázquez/Universidad Complutense, 1990. 319 p.

FERNÁNDEZ BUEY, Francisco. La utopía frente al pensamiento utópico. Barcelona: CCCB, s.f. <http://www.cccb.org/rcs_gene/fernndezbuey.pdf>.

FERNÁNDEZ BUEY, Francisco. ¿Es el decrecimiento una utopía realizable? Papeles de Relaciones Ecosociales y de Cambio Global, Madrid, 2007-2008, nº 100, p. 53-61 <https://www.fuhem.es/media/cdv/file/biblioteca/PDF%20Papeles/100/DecrecimientoUtopiaRealizable_FERNANDEZ_BUEY.pdf>.

FERNÁNDEZ BUEY, Francisco. Utopías e ilusiones naturales. Barcelona: El Viejo Topo, 2007. 334 p.

FERREIRA, Alvaro. A produção do espaço: entre dominação e apropriação. Um olhar sobre os movimentos sociais. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2007, vol. XI, núm. 245 (15) <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24515.htm>>.

FISHMAN, R. Bourgeois Utopias: The Rise and Fall of Suburbia. New York: Basic Books, 1987. 272 p.

FLORES, F. Espacios religiosos, utopías, paraísos. Un estudio sobre una villa religiosa en Entre Ríos (Argentina). Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2005, vol. IX, núm. 194 (98) <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-98.htm>>.

FONTANA ELBOJ, Gonzalo y Benjamín GOMOLLÓN GARCÍA. El reto de Utopía: humanistas entre la Antigüedad y las Escrituras. Studia Philológica Valentina, Universitat de Valencia, Departament de Filologia Clàssica, 2007, vol. 10, nº 7, p. 109-13.

GARCÍA CANTÚ, Gastón. Utopías mexicanas. México: Fondo de Cultura Económica, 1986, 242 p.

GARRISON, W. L. Geografías futuras. In CHORLEY, 1975, p. 351-374.

GÓMEZ ESCOTO, Daniel. La Utopía Vasco de Quiroga. A Parte Rei. Revista de Filosofía. Febrero 1998, nº 2. <<http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/page4.html>>, y <<http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/utopia1.html#Inicio>>. (Basado en La "Utopía" de Tomás Moro en la Nueva España, Biblioteca Histórica Mexicana de Obras Inéditas, publicado en 1937, vol. 4; y Memoria del Colegio Nacional, México, v-4, 1949, p. 49-78).

GOODEY, B. R. Mapping Utopia. A comment on the geography of Sir Thomas More. Geographical Review, 1970, Vol. 60, nº 1, 1970, p. 15-30. HABERMAS, Jürgen. El fin de la utopía. El País, Madrid, 9 diciembre 1984 <http://elpais.com/diario/1984/12/09/opinion/471394806_850215.html>.

HAGGETT, Peter. La predicción de futuros alternativos en los aspectos espacial, ecológico y regional: problemas y posibilidades. In CHORLEY, 1975, p. 323-352.

HUERTA CALVO, Javier. Del discurso utópico en España. Dicenda. Cuadernos de Filología Hispánica. Madrid: Ediciones Universidad Complutense, 1983, nº 2, p. 157-166.

INGHAM, Patricia Clare, & Karma LOCHRIE (Coords.). Utopías and Early Modern. Journal of Medieval and Early Modern Studies, 2006, vol 36, nº 3, 2004 p.

JORI, Gerard. Manifiestos ecologistas y cultura ambiental. A propósito de un repertorio digital de manifiestos. Ar@cne. Revista Electrónica de Recursos en Internet sobre Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de enero de 2011, nº 142 <<http://www.ub.es/geocrit/aracne/aracne-142.htm>>.

KUMAR, Krishan. The ends of Utopía. New Literary History, Johns Hopkins University, Summer 2010, vol. 41, nº 3, p. 549.-569.

LÓPEZ ESTRADA, Francisco. Quevedo y la Utopía de Tomás Moro. AIH. Actas II 1965, p. 403-409. Centro Virtual Cervantes, <http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/02/aih_02_1_038.pdf>.

LÓPEZ ESTRADA, Francisco. Tomás Moro y España. Sus relaciones hasta el siglo XVIII. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1980.

MAGRIS, Cláudio. Utopia y desencanto. Traducción de J. A. González Sáinz. Barcelona: Anagrama, 2001. 361 p.

MANUEL Frank Edward, y Fritzie P. MANUEL. El pensamiento utópico en el mundo occidental. Versión castellana de Bernardo Moreno Castillo. Madrid: Taurus, 1981. 3 vols.

MARAVALL, José Antonio. Utopía y reformismo en la España de los Austrias. Madrid: Siglo XXI de España, 1982. 398 p.

MARAVALL, José Antonio. Franciscanismo, burguesía y mentalidad precapitalista: la obra de Eiximenis (1969). In MARAVALL, José María. Estudios de Historia del Pensamiento Español. Serie Primera: Edad Media. Madrid: Ediciones Cultura Hispánica del Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1983, p. 363-383.

MARAVALL, José Antonio. Utopía y contrautopía en El Quijote. Santiago de Compostela: Pico Sacro, 1976 (Reedición Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 2005. 290 p.

MARCUSE, Herbert. El final de la utopía. Traducción de Manuel Sacristán. Barcelona: Ariel, 1968. Reedición, Planeta-Agostini, 1986. 202 p.

MARÍN MARTÍNEZ, Antonio. Utopía estoica o razón socrática: la virtus ciceroniana en las 'Paradoxa Stoicorum'. El Futuro del Pasado. Revista Electrónica de Historia , Salamanca: FahrenHouse, 2011, nº 2, p. 159-171.

MARTÍ, Marc. Menosprecio de Corte y alabanza de aldea en la novela de finales del siglo XVIII. Revista de Literatura. Madrid: CSIC, 2001, vol. LXIII, nº 125, p. 197-206.

MARTI CAPITANACHI, Daniel Rolando. Utopía de una ciudad e Dios en el Nuevo Mundo: Concepción europea del Nuevo Mundo. A Parte Rei. Revista de Filosofía. Febrero 1998, nº 2 <<http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/page4.html>>.

MICOUD, André. L'écologie urbaine comme utopie contemporaine. Quaderni, 2000, vol. 43, nº 1, p. 101-116 <http://www.persee.fr/doc/quad_0987-1381_2000_num_43_1_1475>.

MOLINA QUIRÓS, Jorge. La novela utópica inglesa: Tomás Moro, Swift, Huxley, Orwell. Madrid: Prensa Española, 1967. 258 p.

MORO, Thomas Vtopia de Thomas Moro, traducida de Latin en Castellano por Don Geronimo Antonio de Medinilla i Porres, Cauallero de la Orden de Santiago, Cavallerizo de su Magestad, Señor del las Villas de Bocos, Rozas, i Remolino, Corregidor i Iusticia mayor de la Cuidad de Cordova, i su tierra.... En Cordova. Por Salvador de Cea. A., 1637. (152 p.) [En línea Biblioteca Digital Hispana] <<http://bdh.bne.es/bnearch/detalle/bdh0000096514>>.

MORO, Tomás. Utopía. Traducción del Latín al Castellano por D. Jerónimo Antonio de Medinilla y Porres. Tercera edición Corregida y añadida con el resumen de la vida del autor. Madrid: en la Imprenta de Don Mateo Repullés, 1805. 156 + 8 p.

MORO, Tomás. Utopía, Barcelona: Fontana, 1994.

MORO, Tomás. Utopía. Traducción, notas e introducción de José Luis Galimidi. Buenos Aires: Colihue Clásica, 1ª reimpresión 2006.

MORRIS, William. Noticias de ninguna parte. Traducción de Juan José Morato. Barcelona: Casa Editorial Maucci, 1903. 240 p. Nueva edición, Barcelona: Taifa, 1984. 221 p.

MUMFORD, Lewis. The Story of the Utopias, 1922 (ed. Revisada, 1966).

MUMFORD, Lewis. Historia de las utopías. Traducción de Diego Luis Sanromán. Logroño, Pepitas de Calabaza, Segunda edición, 2013. 304 p.

NAVARRO SEGURA, María Isabel. La Laguna: una utopía insular según "Las Leyes" de Platón. San Cristóbal de La Laguna: Ayuntamiento de San Cristóbal de La Laguna, 1999.

NAVARRO SEGURA, María Isabel. Las fundaciones de ciudades y el pensamiento urbanístico hispano en la era del Descubrimiento. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2006, vol. X, núm. 218 (43) <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-43.htm>>.

NÚÑEZ GONZÁLEZ, Juan María (Ed.). CICERÓN. La República y las Leyes. Madrid: Akal Clásica, 1989. 304 p.

OLIVEIRA, Márcio PIÑON de. A favela e a utopia do direito à cidade no Rio de Janeiro. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2007, vol. XI, nº 245 34(). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24534.htm>>.

PARIS, Jeffrey. The End of Utopía. Peace Review, 2002, vol. 14, nº 2, p. 175-181.

PAULSEN, A. Los espacios de redención en la ciudad contemporánea. Aproximaciones al avivamiento pentecostal de 1909 en Valparaíso, Chile. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2005, vol. IX, núm. 194 (100) < <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-100.htm>>.

PICKENHAYN, Jorge Amancio. Trama geográfica en las utopías de Sarmiento. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 15 de abril de 2000, vol. IV, nº 62 < <http://www.ub.edu/geocrit/sn-62.htm>>.

PINDER, David. In defence of utopian urbanism: imagining cities after the 'end of utopia'. Geografiska Annaler, Series B. Human Geography. October 2002, vol. 84, nº 3-4, p. 229-241.

POPPER, Karl R. Conjectures and refutations : the growth of scientific knowledge London: Routledge & Kegan Paul, 1963.

POPPER, Karl R. Conjeturas y refutaciones: el desarrollo del conocimiento científico. Edición revisada y ampliada. Traducción de Néstor Míguez. Adaptación a la cuarta edición inglesa y traducción de las secciones nuevas Rafael Grasa. Barcelona: Paidós, 1983. 513 p.

POPPER, Karl R. Utopía and violence. *World Affairs*, Summer 1986, vol. 149, nº 1, p. 3-9 (Reprint from *Conjectures and Refutations: The Growth of Scientific Knowledge*)

POPPER, Karl R. *La Miseria del historicismo*. Traducción Pedro Schwartz. Madrid: Alianza, 1973. 181 p. POPPER, Karl R. *The Open society and its enemies*. London: Routledge & Kegan Paul, 4th ed. rev., 1962. 2 vols.

POPPER, Karl R. *La Sociedad abierta y sus enemigos*. Traducción de Eduardo Loedel. Barcelona: Paidós, 1981. 667 p.

POPPER, Karl R. *La Sociedad abierta y sus enemigos: con una addenda del autor*. Trad. de Eduardo Loedel; trad. de la addenda de Amparo Gómez Rodríguez. Barcelona: Paidós, 2006. 809 p.

POPPER, Karl. *Sociedad abierta, universo abierto: conversación con Franz Kreuzer* Madrid : Tecnos, DL 1984

PRADO, Alfonso. *Lecturas utópicas del Nuevo Mundo: Las misiones jesuitas*. A Parte Rei. *Revista de Filosofía*. Febrero 1998, nº 2 <<http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/page4.html>>.

QUESADA CASAJUANA, Santiago. *Las historias de ciudades: Geografía, Utopía y conocimiento histórico en la Edad Moderna*. *Geo Crítica*. Cuadernos Críticos de Geografía Humana, Universidad de Barcelona, nº 77, septiembre 1988, p. 3-75. Edición digital en <<http://www.ub.edu/geocrit/geo77.htm>>.

QUESADA CASAJUANA, Santiago: *La idea de ciudad en la cultura hispana de la Edad Moderna. Tipología y estructuras de las historias de ciudades*, Barcelona, Ediciones de la Universidad de Barcelona (Colección *Geo Crítica*. Textos de Apoyo), 1992, 274 p. <<http://diposit.ub.edu/dspace/handle/2445/67082>>.

RAMA, Carlos M. *Utopismo socialista (1830-1893)*. Prólogo, Selección, Notas y Cronología por --, Sucre: Biblioteca Ayacucho, 1977. 352 p.

RAMÍREZ, Juan Antonio. *Construcciones ilusorias. Arquitecturas descritas, arquitecturas pintadas*. Madrid: Alianza, 1983. 261 p.

RELEA HERNÁNDEZ, Carlos Emilio. *Medir la sostenibilidad: ¿utopía o realidad?* *Estudios Geográficos*, Madrid: CSIC, enero-junio 2005, vol. LXVI, nº 258, p. 331-342.

REPS, John W. *The Making of Urban America. A History of City Planning in the United States*. Princeton: Princeton University Press, 1965. Reprint Oxford: Princeton University Press, 1992. 574 p.

RODRIGUES, Arlete MOYSÉS. *A cidade como direito*. *Scripta Nova*. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2007, vol. XI, núm. 245 (33) <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24533.htm>>.

RODRÍGUEZ FERNANDEZ, Gabriela. *La ciudad como sede de la imaginación distópica: literatura, espacio y control*. *Geo Crítica / Scripta Nova*. *Revista electrónica de geografía y*

ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 15 de enero de 2005, vol. IX, núm. 181 <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-181.htm>>.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. Del socialismo científico al socialismo utópico. México: Era, 1975. 78 p.

SAMBRICIO, Carlos. Sinapia: utopía, territorio y ciudad a finales del siglo XVIII. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de mayo de 2014, vol. XVIII, nº 475 <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-475.htm>>.

SCHAER, Roland, et Lyman TOWER SARGENT. Utopie. La quête de la société idéale en Occident. Exposition présentée à la Bibliothèque Nationale de France, à Paris, du 4 avril au 9 juillet 2000 Paris: Fayard, 2000.

SEGUÍMARCO, Juan José. El sueño evanescente de Cicerón: el paraíso de los políticos. Potestas. Revista del Grupo Europeo de Investigación Histórica en Religión, Poder y Monarquía, Castellón: Universitat Jaume I, 2011, nº 4, p. 55-68.

SERRA JIMÉNEZ, Francisco. Utopía e ideología en el pensamiento de Ernst Bloch. A Parte Rei. Revista de Filosofía. Febrero 1998, nº 2 <<http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/page4.html>>.

SERRANO GASSENT, Paz. Vasco de Quiroga: utopía y derecho en la conquista de América. Madrid: Fondo de Cultura Económica de España, 2001. 446 p.

SERVIER, Jean. Histoire de l'utopie. Paris: Gallimard, 1967. 376 p. Reedición Gallimard, Col. Folio, 1991. 396 p.

SMITH, Adrian. An R&D lab for Utopia? Alternative technology centres in the UK. A paper for the European Consortium for Political Research Joint Sessions Workshops on The Politics of Utopia: Intentional Communities as Social Science Microcosmos, Uppsala University, 13-18 April 2004.

SOMEY, Bülent. Towards an open-ended utopia. Science Fiction Studies, November 1984, vol. 11, nº 1, p. 25-38.

TAIBO, Carlos, y otros. La rebelión de los indignados. Movimiento 15M: democracia real, ¡ya!. Madrid: Editorial Popular, 2011. 104 p.

TAMDGIDI, M. H. Ideology and Utopia in Manheim: Towards the Sociology of Self-Knowledge. Human Architecture Journal of the Sociology of Self-Knowledge, Spring 2002, vol. I, nº 1, p. 120-139.

TRATADO. Tratado sobre la Monarquía Columbina. Una utopía anti-ilustrada del siglo XVIII. Edición y estudio de Pedro Álvarez de Miranda. Madrid: El Archipiélago, 1981. 46 p.

TROUSSON, R. Voyages au pays de nulle part. Histoire littéraire de la pensée utopique.. Bruxelles: Université de Bruxelles, 1975. 300 p.

TSCHACHLIER, Heinz. Despotism in Arcadia? Ernest Callenbach's ecological utopias. *Science Fiction Studies*, November 1984, vol. 11, n° 3, p. 304-317.

UEDA, Vanda. La utopía burguesa reflejada en la construcción de los condominios cerrados en la ciudad de Porto Alegre-Brasil. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2005, vol. IX, núm. 194 (57) <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-57.htm>>.

VILCHIS REYES, Jaime, y José SALA CATALÁ (comps). *Pensamiento utópico y profético hispano-americano*. Toluca: Centro de Investigación en Ciencias Sociales y Humanidades, Universidad Autónoma del Estado de México, 1990. 205 p.

WRIGHT, Eric Olin. *Construyendo utopías reales*. Traducción de Ramón Cotarelo. Madrid: Akal, 2014. 396 p.